

**U. PORTO**



INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS ABEL SALAZAR  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Relatório Final de Estágio

Mestrado Integrado em Medicina Veterinária

**A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO PARA OS DONOS DE CÃES E GATOS  
NAS FAMÍLIAS PORTUGUESAS**

Maria Isabel Lobão de Araújo Rego Miranda

**Orientadora: Professora Doutora Liliana Maria de Carvalho e Sousa**

**Co-orientadora: Dr.<sup>a</sup> Mónica Ferreira Roriz**

Porto 2011

**U. PORTO**

 **INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOMÉDICAS ABEL SALAZAR**  
**UNIVERSIDADE DO PORTO**

Relatório Final de Estágio

Mestrado Integrado em Medicina Veterinária

**A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO PARA OS DONOS DE CÃES E GATOS  
NAS FAMÍLIAS PORTUGUESAS**

Maria Isabel Lobão de Araújo Rego Miranda

**Orientadora: Professora Doutora Liliana Maria de Carvalho e Sousa**

**Co-orientadora: Dr.ª Mónica Ferreira Roriz**

Porto 2011

## Resumo

### A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO PARA OS DONOS DE CÃES E GATOS NAS FAMÍLIAS PORTUGUESAS

**Palavras-Chave:** Vínculo, Animais de companhia, Donos, Lexington Attachment Scale.

**Introdução:** Da interacção homem-animal resulta uma relação mútua originando benefícios na saúde física e mental de ambos. Este facto é cada vez mais reconhecido pelos donos de animais sendo uma das principais causas do aumento da população que cria um vínculo com o seu animal de companhia. **Objectivos:** No presente estudo propôs-se conhecer melhor os donos de cães e gatos em Portugal e a existência de um vínculo que os une. O primeiro objectivo do trabalho foi realizar uma recolha bibliográfica dos aspectos positivos e negativos que esse vínculo pode ter na vida dos donos e dos seus animais. Um segundo objectivo centrou-se na pesquisa em campo desse mesmo vínculo. **Métodos:** A medição quantitativa do vínculo foi feita através da análise de um questionário contendo a escala “Lexington Attachment”. A análise demográfica da população foi feita através de um inquérito. Este estudo contou com a participação de 105 instituições de todo o país. **Resultados:** Foram distribuídos 2000 inquéritos e respondidos 1041 resultando numa taxa de participação de 52%. Foram avaliados na população 3 factores: o vínculo geral, a proximidade entre os donos e os seus animais e a importância que dão a esta relação. Destacaram-se diferenças significativas em relação ao sexo, à idade, à escolaridade e ao facto dos donos terem crescido com animais. Não foram encontradas diferenças entre os donos de cães e os de gatos, nem em relação ao estado civil. **Discussão e Conclusões:** Os donos portugueses reconhecem os seus animais como membros da família, consideram-nos um amigo e por isso mantêm uma relação muito próxima com ele. Estes dados são apoiados por outros estudos. Para os donos portugueses, o vínculo é igual independentemente de se ter um cão ou um gato. O vínculo, a proximidade e a importância é nitidamente superior para as mulheres.

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Liliana de Sousa agradeço os conhecimentos transmitidos, resultado da sua vasta experiência nesta área, a orientação, o apoio e incentivo à realização deste trabalho.

À Dra. Mónica Roriz agradeço pela sua prontidão e colaboração no desenvolvimento do trabalho.

A todas as Clínicas de Medicina Veterinária, Hospitais Veterinários, Centros Veterinários, *Petshop*, a todos os profissionais que se prontificaram a participar no estudo, agradeço a disponibilidade e toda a ajuda que me foi prestada.

A todos os donos de cães e gatos que participaram no estudo e a todos que directa e indirectamente, possibilitaram a aquisição de conhecimentos e dados necessários para a realização deste trabalho.

## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Metodologia .....</b>	<b>9</b>
<b>Resultados .....</b>	<b>16</b>
<b>Discussão/Conclusão.....</b>	<b>24</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>28</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>31</b>

## **Lista de abreviaturas**

**APPMA** - American Pet Products Manufacturers Association

**EUA** - Estados Unidos da América

**LAPS** - Lexington Attachment Scale

**M** - Média

**DP** - Desvio padrão

**KMO** - Kaiser-Meyer-Olkin

**F** - grau de variância

**P** - probabilidade

## Introdução

Existem poucas dúvidas acerca da importância dos animais nas nossas vidas e da existência de um vínculo que une o Homem ao animal de companhia. Mais de 50% das famílias em todo o mundo têm um animal de estimação (Bonas *et al.* 2000) e de acordo com os dados publicados pela National Pet Owners Survey (APPMA 2007-2008) 63% das casas americanas têm pelo menos um animal de companhia, sendo que em 75% destas casas residem crianças (Walsh 2009). A maioria dos donos consideram os seus animais de companhia como amigos (95%) e/ou membros da família (87%). Cerca de 94% dos donos de cães e 84% dos donos de gatos descrevem o seu relacionamento com os animais de companhia como “próximo” (Faver *et al.* 2008, Walsh 2009). Os cães são os animais de companhia mais comuns seguidos dos gatos, cavalos e aves. As crianças e os adultos divertem-se cada vez mais com uma ampla variedade de animais como peixes, iguanas, tartarugas, coelhos e animais da quinta. Segundo Walsh, (2009) num inquérito realizado nos Estados Unidos da América (EUA) os gatos e os cães são muito “mimados” e todos os inquiridos responderam que ofereciam ao seu animal uma prenda no aniversário, 87% incluía o seu animal nas épocas festivas, 52% preparava comida própria para o seu animal e 53% tirava tempo de férias para cuidar do seu animal doente (Wells & Perrine, 2001 citado por Walsh 2009). Na internet, blogs e redes sociais como o Dogbook e Catbook no Facebook são locais onde os donos podem recolher informações úteis, tais como, serviços de saúde e eventos da comunidade (Walsh 2009).

E a realidade portuguesa, qual será? Será a realidade portuguesa semelhante à americana? Quais serão os benefícios e prejuízos desta relação tanto para os donos como para os seus animais? Estas são algumas questões às quais este estudo tenta encontrar respostas.

O termo “pet” deriva da palavra francesa “petit” e traduz um termo carinhoso utilizado por prazer e companheirismo (Grier, 2006 citado por Walsh 2009). De realçar, que os cientistas preferem o termo “animais de companhia” por ter uma conotação relacionada com o vínculo e ter subentendido a existência de uma relação mútua (Walsh 2009). Embora o termo “pet” possa ter várias definições os cães e os gatos são os exemplares protótipos e por isso foram os escolhidos para serem estudados neste trabalho.

A Associação Americana de Medicina Veterinária define o vínculo Homem-Animal como “uma relação benéfica, mútua e dinâmica, entre as pessoas e os animais que é influenciada por comportamentos que são essenciais para a saúde e bem-estar de ambos” (Reid & Anderson 2009, Shore *et al.* 2005). Vários cientistas (e.g. Nagasawa *et al.* 2009) questionaram o que seria esse vínculo e como poderia ser explicado fisiologicamente. Estudos recentes

(Nagasawa *et al.* 2009, Olmert 2009) apontam a hormona ocitocina como a maior influência no estabelecimento do vínculo homem-animal. Esta hormona é responsável entre muitas tarefas por aumento da confiança, diminuição da ansiedade e aumento da sensação de bem-estar (Nagasawa *et al.* 2009, Olmert 2009).

No geral, os donos dos animais de companhia relatam aspectos positivos na relação que têm com os seus animais e consideram-na benéfica para o resto da família. Como em qualquer outro relacionamento, tem aspectos positivos e negativos que serão abordados de seguida.

#### *Aspectos positivos para os donos de animais de companhia*

É nítido para a sociedade a importância dos animais em fases particulares da vida como a infância e a velhice. Contudo, até à data não existem estudos que concluam que estas faixas etárias beneficiem mais da companhia dos animais do que todas as outras idades (Cohen, 2002 citado por Faver *et al.* 2008). Num estudo americano (Jonhson *et al.* 1992), observou-se que as faixas etárias mais jovens e as mais velhas poderiam beneficiar do vínculo com os seus animais apresentando menores sintomas de depressão, isto verificou-se para todas as faixas etárias excepto entre os 35-44 anos. Algumas pesquisas (Allen 2003, Faver *et al.* 2008, Shore *et al.* 2005, Virtués & Casal 2006) têm referido que possuir um animal de companhia pode ter um impacto positivo sobre a nossa saúde física e psicológica. Está descrito ainda, o aumento para mais 1 ano de vida da taxa de sobrevivência de pessoas que sofreram enfarte do miocárdio (Friedmann *et al.* 1980, Friedmann & Thomas, 1995 citado por Podberscek 2006). É de notar a redução de factores de risco relacionados com doenças cardíacas (Anderson *et al.* 1992 citado por Podberscek 2006), a melhoria da saúde geral dos proprietários (redução de problemas de saúde menores como constipações, dores de cabeça e indigestões) (Serpell, 1991 citado por Podberscek 2006), a diminuição de sentimentos de solidão e de depressão (Garrity *et al.* 1989, Zasloff & Kidd, 1994 citado por Podberscek 2006) aumentando assim a auto-estima do proprietário (Connell & Largo 1984, Goldmeier 1986, Robb 1983 citado por Podberscek 2006).



**Figura 1 e 2. Fotografias de cães ao lado do seu dono.**

Friedmann (1993) apresentou um estudo feito durante 3 anos em que foram avaliados 5.741 casos e concluiu que os donos de animais possuem a pressão sanguínea, os níveis de triglicéridos e de colesterol mais baixos (Friedmann, 1993 citado por Allen 2003, Virtués & Casal 2006 e Walsh 2009). Sendo que estes resultados não estão relacionados com diferenças pessoais como tabagismo, dieta, peso ou capacidade socioeconómica. Jennings (1995), referiu também numa pesquisa realizada durante 1 ano que os donos de cães e os de gatos fazem menos visitas ao seu médico de família em cerca de 8 e 12 % respectivamente. Os donos que se apresentam reformados fazem menos 21% de visitas ao médico do que reformados que não vivem com animais. A faixa etária dos reformados destaca-se por ter um maior vínculo (Reid & Anderson 2009, Siegel 1990). É referido ainda que esta relação reduz nos donos os níveis de stress (Allen 2003).

No geral, os donos acreditam que a maior vantagem de ter um animal, incide no companheirismo e na amizade que deriva dessa relação. Pensa-se que a companhia seja um factor essencial para a promoção da saúde mental, apresentando entre outras vantagens a obtenção de amor, carinho, prazer e protecção. Os animais de companhia também promovem a interacção entre os donos e outras pessoas. Alguns autores (McNicholas & Collis 2000, Messent, 1983 citado por Olmert 2009 e Podberscek 2006) constataram que quando os donos passeiam com os seus cães, experimentam mais encontros sociais positivos e um maior número de conversas com desconhecidos do que se fossem a passear sozinhos. Algumas vantagens para os donos dos animais estão relacionadas com o aumento do exercício como um maior número de caminhadas, maior satisfação social, física e do estado emocional (Rogers *et al.* 1993 citado por Chur-Hansen *et al.* 2008), aumento da tolerância ao stress psicológico (Allen *et al.* 2002 citado por Chur-Hansen *et al.* 2008), maior interacção social (McNicholas & Collis, 2000 citado por Chur-Hansen *et al.* 2008) e uma maior participação na comunidade (Wood *et al.* 2005 citado por Chur-Hansen *et al.* 2008).

Como vantagens para as pessoas de idade é referido que necessitam de menor uso de serviços de clínica geral, a actividade física diária é estimulada, pode haver uma diminuição do número de quedas (Brown & Rhodes 2006, Friedmann *et al.* 2000, Motooka *et al.* 2006, Pachane *et al.* 2005, Raina *et al.* 1999, Wells, 2007 citado por Winefield *et al.* 2008), sendo o cão por vezes, um agente facilitador da interacção humana resultando em menos sintomas de depressão (McNicholas & Collis, 2000 citado por Winefield *et al.* 2008). A companhia dos animais tem-se revelado importante no combate ao tédio, solidão e desamparo em casa, em ambiente hospitalar e durante cuidados de enfermagem. Assume ainda uma importância relevante para pessoas com dificuldades físicas, distúrbios psiquiátricos, casos de afasia e

epilepsia (Banks *et al.* 2001, Guay 2001, Macauley 2006, Ormerod *et al.* 2005 citado por Winefield *et al.* 2008). Os animais conseguem promover sentimentos como a fidelidade, a segurança, pertença, família e auto-identidade (Bonas *et al.* 2000, Enders-Slegers 2000, Macauley 2006, McNicholas *et al.* 2005, Pachana *et al.* 2005 citado por Winefield *et al.* 2008). Num estudo americano realizado por Johnson *et al.* (1992) para medir o vínculo nos donos utilizando a Lexington Attachment Scale (LAPS) houve uma adesão de 59% de donos do sexo feminino, com média de idade de 43 anos. A população de donos distribuía-se com aproximadamente 65% cães, 32% gatos e 5% outros animais. Neste e em outros estudos, as mulheres apresentam maior vínculo que os homens (Johnson *et al.* 1992, Prato-Previde *et al.* 2006, Reid & Anderson 2009, Williams *et al.* 2010, Winefield *et al.* 2008). Bagley & Gonsman (2005) mencionam situações em que as mulheres são diferentes dos homens tais como: as mulheres têm maior sensibilidade em questões relacionadas com o uso de animais para investigação (Driscoll 1992, Gallup & Beckstead 1988, Shaw 1971, Wells & Hepper, 1995 citado por Bagley & Gonsman 2005); nos EUA e Reino Unido as mulheres tornam-se mais rapidamente membros de associações de bem-estar animal que os homens (Sperling, 1988 citado por Bagley & Gonsman 2005) e são capazes de se abster de comer carne (Adams 1990, Paul & Serpell 1993 citado por Bagley & Gonsman 2005) assim como possuem opiniões mais antropomórficas em relação aos animais (Kellert & Berry, 1987 citado por Bagley & Gonsman 2005). Pachana *et al.* (2005) afirmam que as mulheres poderiam viver o seu dia-a-dia apenas com o seu animal de companhia.

Ao comparar o vínculo entre donos de cães e os de gatos, os donos de cães apresentam um vínculo mais forte (Johnson *et al.* 1992, Winefield *et al.* 2008). A população nas faixas etárias mais velhas, assim como os com menor escolaridade e menor poder económico também apresenta maior vínculo com os seus animais (Johnson *et al.* 1992, Bagley & Gonsman 2005). Em relação à idade ao contrário do verificado por Johnson *et al.* (1992), Bagley & Gonsman (2005) afirmam que as faixas etárias dos jovens adultos à meia-idade (18-54 anos) teriam maior ligação aos animais que as faixas etárias mais velhas (a partir dos 54 anos). No caso dos solteiros e nas famílias onde residiam crianças também apresentavam maior vínculo. Os casados tinham o menor vínculo de todos os grupos. Contudo, outro estudo (Bagley & Gonsman 2005) verificou que na população o vínculo não estava relacionado com o sexo, o estado civil e que donos de cães comportavam-se da mesma forma que os de gatos. Neste estudo Bagley & Gonsman (2005) acrescentam que é nítido que as mulheres têm maior vínculo que os homens, os jovens mais do que os pais e os solteiros mais do que os casados. Stallone *et al.* (1992) também referem no seu estudo que os solteiros têm maior vínculo que os casados.

Inquéritos realizados nos EUA (Marx *et al.* 1988 citado por Podberscek 2006) e no Reino Unido (Messent & Horsfield, 1985 citado por Podberscek 2006) referem que os animais de companhia são mais comuns em casas onde vivem crianças e que os pais acreditam nos benefícios dessa relação. Esses benefícios incluem companheirismo, conforto, suporte emocional e aumento da auto-estima. Os animais auxiliam na educação pois permitem viver desde cedo experiências, confronto com factos naturais como a morte, o nascimento, a doença e a aprender como cuidar dos outros (por exemplo alimentar, escovar o animal) (Triebenbacher, 2000 citado por Podberscek 2006 e Williams *et al.* 2010).



**Figura 3. Crianças no jardim com os seus animais de companhia.**

Estas crianças estão melhor integradas socialmente, têm redes sociais mais amplas e são vistas como as mais populares da classe escolar. O desenvolvimento da linguagem é estimulado pela interacção com o animal. McNicholas & Collins, (2002) fizeram um estudo numa escola em Edimburgo com crianças entre os 7-8 anos, cerca de 90% destas, indicaram o seu animal entre os 10 eleitos com quem possuem relações especiais. Crianças que vivem em famílias com animais têm um sistema imunológico mais forte e por isso faltam menos às aulas tendo mais 18,5 dias de escolaridade que crianças sem animais. As crianças consideram muitas vezes os seus animais como membros da família (Williams *et al.* 2010). Está descrito que o contacto com animais no primeiro ano de vida diminui a incidência de rinite alérgica e asma (Nafsted *et al.* 2001, Ownby *et al.* 2002 citado por Podberscek 2006).

Em suma, alguns estudos (Paul & Serpell 1993, Serpell, 2004 citado por Podberscek, 2006 e Williams *et al.* 2010) afirmam que possuir um animal durante a infância pode trazer mais atitudes positivas perante estes e sobre as pessoas ao longo da sua adolescência e vida adulta. Crianças que cresceram com animais tornar-se-iam donos com maior vínculo (Bagley & Gonsman 2005).

### *Aspectos positivos para os animais de companhia*

Por terem um dono, os nossos animais de companhia recebem alimento, abrigo, companheirismo e normalmente cuidados veterinários quando é necessário (Podberscek, 2006). Poucos estudos foram feitos para saber quais os reais benefícios que os animais obtêm do vínculo com os humanos. Um dos primeiros estudos (Gantt *et al.* 1966 citado por Shore *et al.* 2005) baseou-se numa experiência realizada num laboratório com participantes humanos e cães. Foram testados dois grupos: um grupo em que os humanos acariciavam os cães e outro grupo em que ambos não interagiam. Os autores verificaram que os cães com os quais os humanos não interagiam apresentavam taquicardia enquanto que os que interagiam apresentavam bradicardia.



**Figura 4. Fotografia de cão e gato a dormir.**

Estudos posteriores (Feh & Mazieres 1993, McGreevy *et al.* 2005, Vormbrock & Grossberg, 1988 citado por Podbersek 2006) referem que interacções físicas directas com os proprietários podem ser benéficas: há algumas evidências que quando os animais de companhia estão a ser acariciados a sua pressão arterial e frequência cardíaca baixam indicando que têm um efeito calmante.

Muitas vezes, o animal é considerado como um membro da família sendo cada vez mais comum ter um local confortável para dormir como uma “cama” própria ou mesmo a cama dos donos e brinquedos próprios para se entreter. A quantidade de dinheiro gasto com os animais de companhia duplicou na última década, superando o produto interno bruto de muitos países em desenvolvimento (Walsh 2009). A preocupação cada vez maior em que o animal não fique muito tempo sozinho em casa desenvolveu adeptos do *petsitting*. O desejo de viajar na companhia dos animais provocou um aumento de hotéis, *resorts*, linhas aéreas com serviços específicos para animais (Walsh 2009). Os donos em época de férias optam por deixar os animais em hotéis e verifica-se uma procura crescente de casas de férias ou de fim-de-semana que aceitem a estadia de animais. É nítido o maior cuidado com a parte estética (banhos frequentes), quer nos animais de raça como nos sem raça definida. Aumentam também os cuidados de higiene como lavagem dos dentes, corte de unhas e escovagem do pêlo. O culto aos animais de estimação é evidente em uma surpreendente gama de consumidores, produtos e serviços, desde refeições especiais, tabelas de alimentação

ergonómicas, frequência em SPAS e a utilização da acupunctura (Walsh 2009). Os amantes de animais procuram cada vez mais a ajuda de médicos veterinários para o acompanhamento médico de doenças crónicas mesmo que isso implique custos elevados (Walsh 2009). Com o intuito de melhorar a qualidade de vida dos animais, algumas áreas da medicina veterinária têm sido exploradas, nomeadamente, os cuidados paliativos, a geriatria e a oncologia. A especialização dos médicos veterinários, a utilização de meios auxiliares de diagnóstico como a tomografia axial computadorizada e a ressonância magnética, a procura das medicinas alternativas como complemento da medicina tradicional são exemplos que a sociedade está cada vez mais atenta à saúde dos seus animais e que os donos estão dispostos a dar o máximo de qualidade de vida aos mesmos.

As campanhas para adopção de animais e as concentrações para recolha de alimentos, medicamentos, desparasitantes, cobertores, brinquedos são cada vez mais frequentes. A preocupação na luta contra o abandono e maus tratos aos animais começa a ter expressão na sociedade principalmente nas crianças desde muito cedo.

#### *Aspectos negativos para os donos de animais de companhia*

É importante observar porém, que nem todos os estudos descobriram um efeito positivo da companhia dos animais para a saúde humana. Por exemplo, Parslow *et al.* (2005) não consideraram que ter um animal de companhia estava relacionado com a redução dos factores associados à doença cardíaca e não encontraram benefícios físicos e psicológicos sobre a saúde de residentes na comunidade de pessoas mais velhas (Parslow *et al.* 2005 citado por Winefield *et al.* 2008). Parslow e Jorm (2003) verificaram que os donos tinham maior probabilidade de fumar, maior índice de massa corporal e níveis de pressão arterial maior que os que não possuíam animais (Parslow e Jorm, 2003 citado por Winefield *et al.* 2008). De facto, cuidar de um animal foi associado a sintomas de depressão e pior saúde física principalmente nas mulheres e casadas. Parslow e Jorm (2003) constataram ainda num estudo australiano que donos com idades compreendidas entre os 40-44 anos não beneficiavam de forma física e mental da companhia dos animais, justificando este facto por esta população ter normalmente crianças a seu encargo e por motivos profissionais. Estes donos nesta faixa etária tendiam a tomar analgésicos mais frequentemente do que donos da mesma idade sem animais (Parslow e Jorm 2003).

Os principais problemas para os proprietários dos animais incidem em distúrbios comportamentais, problemas de saúde (zoonoses e alergias), e os transtornos causados quando os animais estão feridos, doentes ou ainda quando morrem. Apenas uma pequena percentagem de zoonoses são transmitidas por animais de companhia, as mais comuns no

Reino Unido são a micose, toxoplasmose, psitacose, infecção por pasteurilla e em alguns países a raiva. Alguns proprietários são alérgicos aos ácaros e aos pêlos dos animais, com sintomas como erupções cutâneas, febre, asma ou diarreia (Guay 2001, Rich & Roberts, 2006 citado por Winefield *et al.* 2008). Os donos que têm um relacionamento muito próximo com os seus animais podem sofrer com a doença e a morte destes, vivendo uma angústia profunda e depressão (Clements *et al.* 2003, Morley & Fook 2005, Podbersek 2006, Turner, 2005 citado por Winefield *et al.* 2008). O mesmo pode acontecer quando os animais desaparecem de casa, perdem-se ou são roubados.

Muitos donos de idade, recusam deixar as suas casas para não abandonarem os seus animais. Alguns estudos (Garrit *et al.* 1987, Stallones *et al.* 1990 citado por Winefield *et al.* 2008) relacionam o vínculo das pessoas mais velhas com os seus animais devido à existência de poucos confidentes humanos o que é contrariado no estudo de Winefield *et al.* 2008. Num outro estudo (Chur-Hansen *et al.* 2008) feito a pessoas que não têm animais, refere que as principais razões para esse facto estão relacionadas com questões emocionais e pragmáticas, assim como por conveniência ou por aspectos negativos como desgaste de energia.

Para a sociedade, os animais de rua sem dono são um problema, tal como as raças consideradas potencialmente perigosas onde existe o risco de ataque a humanos e a outros animais. Os animais podem causar também problemas como poluição (sonora, solos, etc) e muitas vezes são responsáveis por acidentes rodoviários (Podberscek 2006).

#### *Aspectos negativos para os animais de companhia*

De notar, os aspectos negativos que a relação homem-animal pode ter para os animais de companhia. A maioria destes problemas tem como responsável o Homem. Os donos colocam em risco o bem-estar dos animais de companhia quando não têm conhecimento suficiente sobre a alimentação, treino adequado e a forma de cuidar do seu animal de estimação. Este desconhecimento pode levar ao desenvolvimento de problemas comportamentais, obesidade, desnutrição ou doença. Em casos extremos o dono pode tratar de forma abusiva o seu animal (Podberscek 2006).

Os problemas comportamentais apresentados pelos animais são uma questão social importante pois, não afectam apenas de forma directa os animais como também podem levar o dono a tratá-los de forma inadequada, recorrendo ao abandono e à eutanásia (Podberscek 2006). Assim, os problemas comportamentais surgem como uma das principais razões para o abandono do animal. Outras razões que podem ser inúmeras para o abandono animal são: o nascimento de um bebé, falta de tempo para o animal, o animal passar muito tempo em casa sozinho, mudança de casa, falta de espaço, crescimento excessivo do animal, presença de

doentes oncológicos, grávidas, quando um membro da família se torna alérgico ou ainda quando a família vai de férias, etc... Às vezes, os proprietários não querem mais os seus animais e vão directamente a uma clínica veterinária para solicitar o seu sacrifício. No Reino Unido cerca de 500.000 animais de companhia são abandonados e nos EUA 8 milhões de cães e gatos são recebidos por abrigos cada ano (Arkow, 1984 citado por Podberscek, 2006).

## **Metodologia**

### **Objectivos**

Os principais objectivos deste trabalho foram a caracterização e a medição quantitativa do vínculo entre os donos e os animais de companhia na população portuguesa.

### **Material e métodos**

Para encontrar donos de animais foram contactadas várias instituições via e-mail para saber se aceitariam participar no estudo, resultando num total de 88 clínicas veterinárias, 9 hospitais e 17 *petshop*. Foram também distribuídos 97 questionários a pessoas conhecidas e 1903 a instituições. Os questionários foram distribuídos e recolhidos após aproximadamente 2 meses. Os participantes foram escolhidos aleatoriamente. O questionário está dividido em duas partes: um inquérito para recolher informação demográfica sobre a população e uma segunda parte com 23 questões que constituem a LAPS. Para o tratamento e análise dos dados utilizaram-se as ferramentas Microsoft Office Excel 2007 e o SPSS 17.

### **Instrumentos de avaliação do vínculo**

Ao nível do estudo do vínculo homem-animal a literatura oferece muitas escalas de avaliação possíveis contudo, apenas algumas escalas revelaram ter boas propriedades psicométricas. De seguida, é feita uma breve revisão de algumas escalas que poderiam ter sido utilizadas neste estudo (Anderson 2007).

Templer *et al.* (1981), elaboraram uma escala denominada “Pet Attitude Scale” com um *alpha* de Cronbach de 0.82, que tenta medir 3 factores: o carinho e a interacção, a vida do animal em casa e o divertimento que advém da relação dono-animal.

Poresky (1990) desenvolveu outras 2 escalas: “The Companion Animal Bonding Scale” e “Companion Animal Semantic Differential”. Estas escalas permitem estudar 3 factores: ligação, tamanho do animal e responsividade do animal.

Holcomb *et al.* (1985) elaboraram a escala “Pet Attachment Survey” que tenta abordar os aspectos comportamentais e emocionais do vínculo com os animais de companhia.

Wilson *et al.* (1987) desenvolveram a escala “Pet Attitude Inventory” para estudar as características dos donos, o vínculo e as atitudes perante os animais de companhia.

Propriedades psicométricas não foram relatadas nesta escala. Kidd & Kidd (1989) utilizaram esta escala para avaliar atitudes nos adultos perante os animais.

Lago *et al.* (1988) desenvolveram uma escala a partir de outras e da literatura relacionada de modo a medir as atitudes e os comportamentos. Esta escala foi utilizada para avaliar o risco de renúncia dos militares em tempos de transferência.

Após uma revisão das escalas existentes numa primeira fase deste trabalho, optou-se pela utilização da escala “Lexington Pets Attachment Scale” (LAPS) (Johnson *et al.* 1992). Esta escala é usada para estudos sobre o vínculo criado e mantido entre as pessoas e os seus animais, é utilizada para medir o afecto, o cuidado e as atitudes dos donos. É uma escala diferencial e semântica na qual é proposto aos participantes responderem às afirmações referindo se concordam plenamente, concordam em parte, discordam plenamente, discordam em parte, não sabem ou não querem responder. A LAPS é talvez a escala mais completa e testada em uso actualmente. Tem vindo ao longo do tempo a ser melhorada por alguns autores resultando em 23 questões com excelentes propriedades psicométricas. Os principais factores analisados pelos autores (Johnson *et al.* 1992) com esta escala são: o vínculo em geral, substituição de pessoas, direitos dos animais e o seu bem-estar. Esta escala apresenta diversas limitações, entre elas o facto de os donos poderem vir a ser influenciados por mais respostas positivas que negativas, sendo por isso, uma escala que não é a ideal para identificar donos no qual esse vínculo não é importante. Uma outra limitação que neste trabalho foi eliminada é o facto de a escala original ter sido testada apenas por telefone e neste trabalho foi testada por formato papel. Esta escala foi escolhida para este trabalho devido às suas propriedades psicométricas e pela sua reputação como instrumento de medição do vínculo homem-animal.

### **Estudo de adaptação**

Para a realização do presente estudo procedeu-se à adaptação da escala LAPS americana para português. Assim, fez-se uma tradução controlada da versão americana traduzindo-a para português. De realçar, que foi feita a inversão dos níveis da classificação americana (1-Concordo plenamente, ..., 5-Discordo plenamente) para a portuguesa (1-Discordo plenamente, ..., 5-Concordo plenamente) de modo a ser mais compreensível por parte dos inquiridos.

De seguida, procedeu-se à análise factorial para o estudo da estrutura do questionário, assim como a análise da homogeneidade dos itens para o cálculo de coeficientes de fidelidade.

## A amostra

A amostra foi constituída por 1041 donos de animais de companhia, dos quais 796 (76.5%) eram do sexo feminino e 245 (23.5%) do sexo masculino. De notar, que os questionários respondidos foram distribuídos por *petshop*, clínicas veterinárias, centros veterinários e hospitais veterinários a nível nacional.



Figura 5. Distribuição por distritos das instituições que participaram no estudo.

A média das idades dos inquiridos situou-se em  $M= 37.1$ ,  $DP= 13.8$  para o sexo feminino e em  $M= 38.1$ ,  $DP= 15.3$  para o sexo masculino. O intervalo de idades está compreendido entre os 10-83 anos.

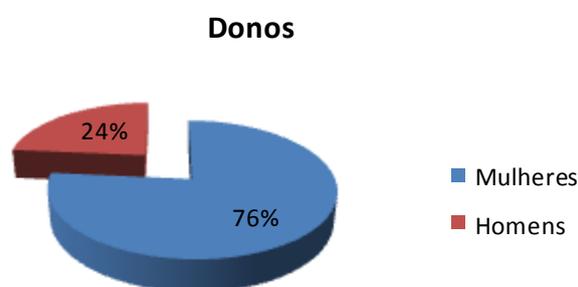


Figura 6- Distribuição da amostra em função do sexo.

## Procedimento

O preenchimento do questionário foi feito nos locais mencionados anteriormente, sendo que a participação foi voluntária e garantiu-se o anonimato. Os inquiridos receberam informação sobre o objectivo do estudo.

## Resultados da adaptação

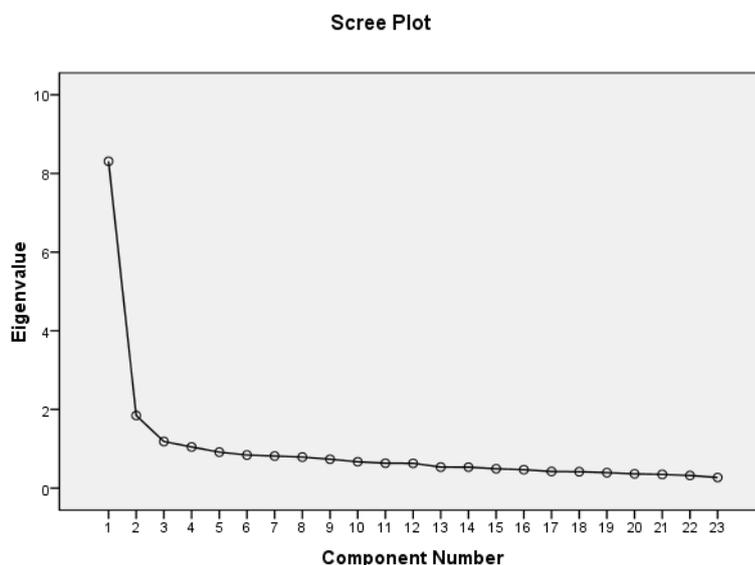
Várias soluções são possíveis para analisar os dados deste questionário. Procedeu-se à análise exploratória dos dados para perceber se se podia proceder com o estudo da redução

dos dados. Foi encontrado um Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) que permitiu aferir a qualidade das correlações entre as variáveis. O valor de KMO para este estudo foi de 0.938 indicando que a análise factorial era um método muito bom de análise uma vez que os valores encontram-se entre 0,9 e 1 (Tabela 1). O teste de Bartlett tem associado um nível de significância de 0,000 mostrando que existe correlação entre algumas variáveis. Ambos os testes permitem o prosseguimento de componentes principais.

**Tabela 1 - Teste de KMO e Bartlett**

<b>Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy</b>		<b>0,938</b>
<b>Bartlett's Test of Sphericity</b>	Approx. Chi-Square	9547,188
	Df	253
	Sig.	0,000

Deste modo, realizou-se a análise da principal componentes. Fez-se uma análise de componentes principais com rotação *varimax* para os 23 itens do instrumento, tendo-se constatado que a melhor solução seria a de 3 factores. A matriz das componentes após a rotação é útil para designar o significado dos factores, essencialmente quando as variáveis têm pesos elevados em mais do que uma componente. Os valores próprios representados em relação ao número de factores a reter, são os que correspondem à maior inclinação da recta como é possível constatar no scree plot (Figura 7).



**Figura 7 - Scree Plot.**

Só os itens com saturações iguais ou superiores a 0.30 foram tomados em consideração. Os valores estimados das comunalidades após a extracção das componentes, variam entre 0 e 1, sendo 0 quando os factores comuns não explicam nenhuma variância da

variável e 1 quando explicam toda a sua variância. Os valores próprios dos factores e as percentagens de variância associada a cada um constam da tabela 2.

Após a rotação da matriz da principal componentes foi possível criar índices que são as médias ponderadas pelos pesos factoriais obtidos. A criação dos índices exige a verificação da sua consistência interna, que pode ser avaliada usando o *alpha* de Cronbach ou coeficiente de fidelidade.

**Tabela 2 - Análise factorial dos itens**

Itens	Factores		
	Vínculo	Proximidade	Importância
q1		,754	
q2		,535	
q3		,734	
q4		,615	
q5		,510	
q6		,387	
q7			,560
q8		-,519	
q9			,488
q10			,615
q11			,611
q12			,662
q13	,479		
q14	,651		
q15	,631		
q16	,672		
q17	,599		
q18	,738		
q19	,725		
q20	,749		
q21	-,603		
q22	,595		
q23	,577		

Extraction Method: Principal Component Analysis.  
 Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.  
 a. Rotation converged in 9 iterations.

O factor 1 é claramente o factor de vínculo geral, é composto por saturações de 11 itens que compõem esta escala e que estão relacionados com a ligação homem-animal. As questões agrupadas no factor 1 – vínculo – pesam neste factor com elevadas saturações e apenas neste factor. O coeficiente de fidelidade é de 0,818 e a média de resposta é de 4,38 numa escala de 1 a 5.

**Tabela 3 - Caracterização do factor 1 - Vínculo**

Questões	Média	Desvio Padrão	N		
q13	4,44	,844	1041		
q14	4,78	,592	1041		
q15	4,65	,666	1041		
q16	4,69	,665	1041		
q17	3,71	,597	1041		
q18	4,86	,460	1041		
q19	4,76	,561	1041		
q20	4,78	,621	1041		
q21	1,19	,672	1041		
q22	4,57	,787	1041		
q23	4,79	,541	1041		
Número de itens	Média	Desvio Padrão	Range	Variância	Coeficiente de fidelidade
11	4,384	4,227	3,665	1,135	,818

As saturações no factor 2 representam os 7 itens do parâmetro que neste estudo foi denominado de proximidade. As questões deste factor têm inerentes o que o dono obtém da sua relação com o animal principalmente no combate à solidão. O coeficiente de fidelidade deste factor é de 0,623 sendo por isso um factor com menos impacto. A média de resposta é de 3,553.

**Tabela 4 - Caracterização do factor 2 - Proximidade**

Questões	Média	Desvio Padrão	N		
q1	3,55	1,259	1041		
q2	3,52	1,431	1041		
q3	3,89	1,295	1041		
q4	4,04	1,181	1041		
q5	3,81	1,297	1041		
q6	4,26	1,876	1041		
q8	1,81	1,291	1041		
Número de itens	Média	Desvio Padrão	Range	Variância	Coefficiente de Fidelidade
7	3,553	5,395	2,445	,657	,623

As saturações dos 5 itens do factor 3 estão relacionadas com a importância que o animal tem na vida do dono. O coeficiente de fidelidade para este factor é 0,678. A média de resposta para este factor é de 4.

**Tabela 5 - Caracterização do factor 3 - Importância**

Questões	Média	Desvio Padrão	N		
q7	4,26	1,132	1041		
q9	3,28	1,525	1041		
q10	4,28	,960	1041		
q11	4,44	,893	1041		
q12	4,08	1,051	1041		
Número de itens	Média	Desvio Padrão	Range	Variância	Coefficiente de Fidelidade
5	4,069	3,749	1,166	,212	,678

Os resultados obtidos sugerem que a escala seleccionada para o presente estudo tem uma boa validade estrutural e contribuem para a credibilidade do constructo teórico multidimensional.

O coeficiente *alpha* do factor 1 desta escala é bastante elevado, mostrando claramente que este se diferencia das restantes e tem boas propriedades psicométricas para avaliar o vínculo Homem-Animal. Quanto aos outros dois factores analisados verifica-se um menor número de questões associadas, sendo o parâmetro importância o mais pequeno.

Os dados foram analisados utilizando o programa de estatística SPSS 17 e o Microsoft Office Excel 2007.

## Resultados

### Resultados demográficos

Foram recolhidos no total 1041 questionários sendo 944 provenientes de instituições e 97 de pessoas conhecidas. Foram distribuídos 2000 inquéritos e respondidos 1041 resultando numa taxa de participação de 52%.

Em relação ao estado civil como pode ser analisado na figura 8, 48% da população é solteira e 42% é casada.

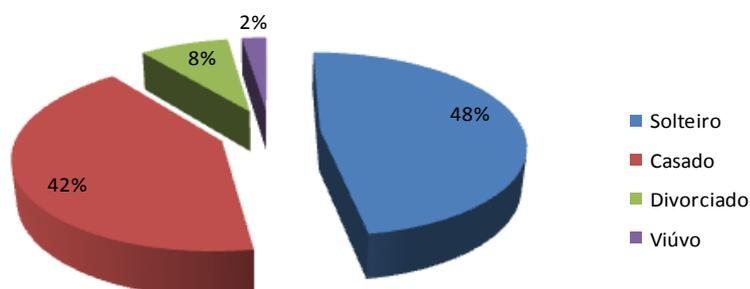


Figura 8 - Distribuição da população em relação ao estado civil.

No que se refere à escolaridade como indicado na figura 9, a maior parte da população tem formação superior.

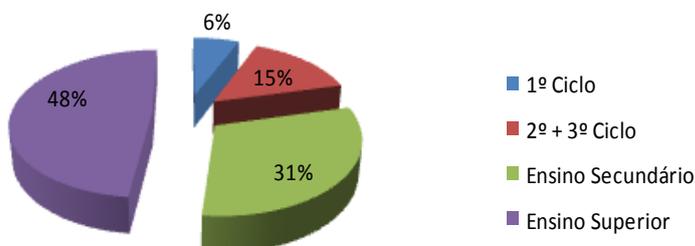


Figura 9 - Distribuição da população em relação ao índice de escolaridade.

Na população em estudo verificou-se que existem mais donos com cães, 32,7% (N=348), do que donos com gatos, 16,2% (N=172). É de salientar que 20,2% (N=215) da população tem simultaneamente cães e gatos e 28,8% (N=306) tem cão e/ou gato em conjunto com outros animais. Este último grupo pode ser dividido em 40% de aves, 18% de roedores, 14% de répteis e anfíbios, 22,2% peixes, 5% de animais domésticos e 1% de outros animais (Figura 10).

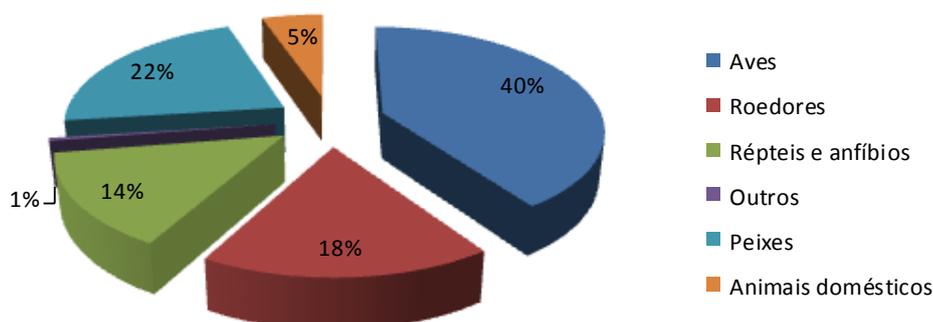


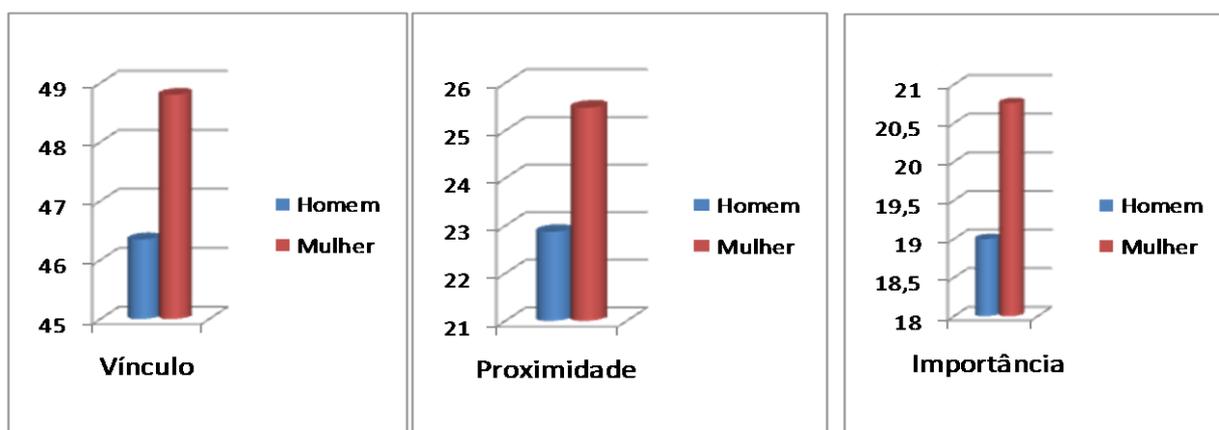
Figura 10 - Percentagem de outros animais de companhia, excepto cão e gato.

### Resultados do questionário com a escala *Lexington Attachment*

Após a análise dos dados através do teste *t* de Student para as amostras independentes é possível constatar que as mulheres (M=48.8, DP=3.4) são significativamente diferentes dos homens (M= 46.35, DP=5.82) para o factor vínculo,  $t(296.9)=6.26$ ,  $p=0.000$ . Para o factor proximidade as mulheres (M=25.48, DP=5.16) e os homens (M=22.87, DP=5.65) também são significativamente diferentes nas médias,  $t(377.81)=6.43$ ,  $p=0.001$ . Para o factor importância também foram encontradas diferenças significativas entre as mulheres (M=20.76, DP=3.51) e os homens (M=19, DP=4.15),  $t(357.8)=5.99$ ,  $p=0.002$ .

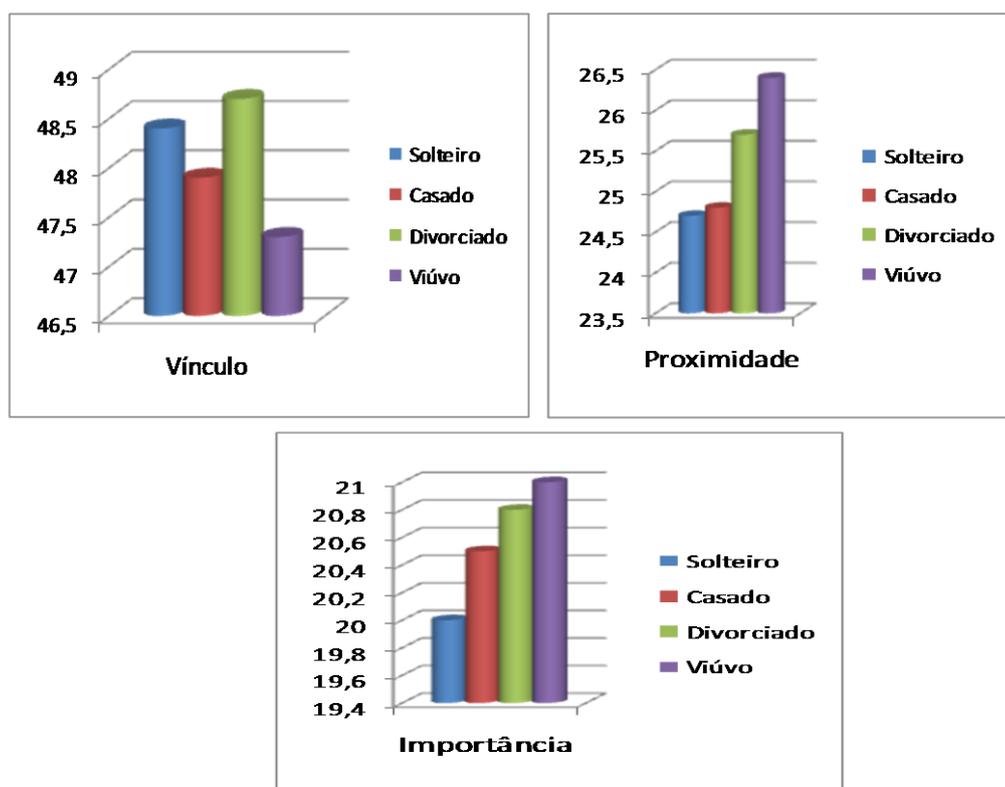
Tabela 6 – Caracterização dos três factores em relação ao sexo

	Sexo	N	Média	Desvio Padrão
Vínculo	Mulher	796	48,8028	3,40071
	Homem	245	46,3551	5,82325
Proximidade	Mulher	796	25,4812	5,16480
	Homem	245	22,8776	5,65335
Importância	Mulher	796	20,7601	3,51442
	Homem	245	19,0000	4,15775



Figuras 11, 12 e 13- Distribuição dos três factores por sexo.

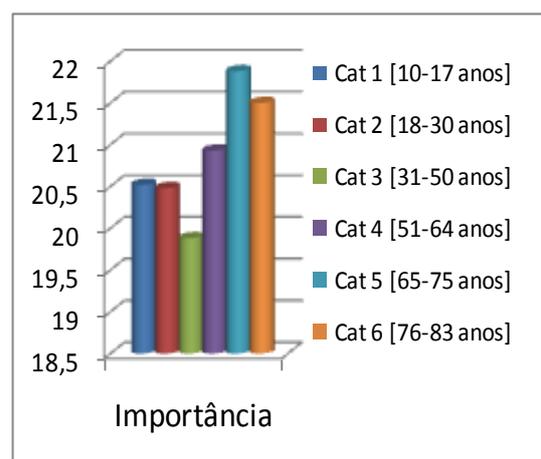
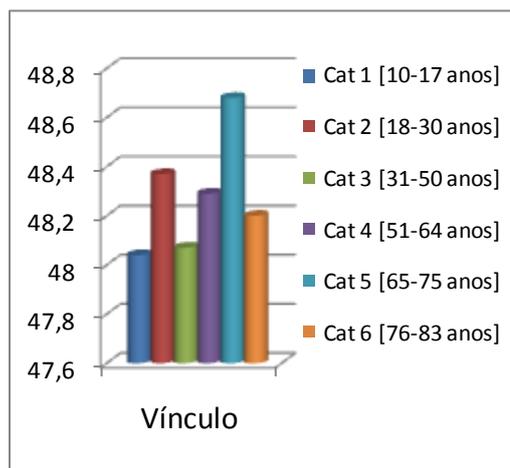
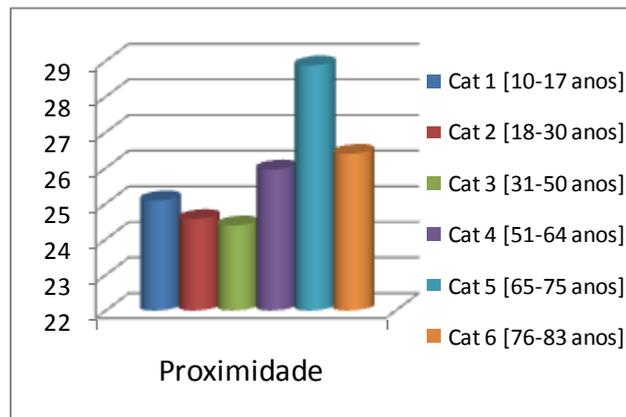
De seguida, realizou-se uma ONE-WAY ANOVA para comparar duas ou mais médias. Procedeu-se à comparação dos vários tipos de estado civil com o factor vínculo ( $F(3)=1.776$ ,  $P=0.150$ ), com o factor proximidade ( $F(3)=1.49$ ,  $p=0.216$ ) e o factor importância ( $F(3)=1.9$ ,  $p=0.128$ ), no qual globalmente não foram verificadas diferenças estatisticamente significativas. Contudo, é interessante salientar que os viúvos foram os que apresentaram uma maior média para os factores proximidade ( $M=26.4$ ,  $DP=5.14$ ) e importância ( $M=21.04$ ,  $DP=5.66$ ). Os divorciados são os que apresentam maior média para o factor vínculo ( $M=48.7$ ,  $DP=3.23$ ).



Figuras 14, 15 e 16 - Distribuição dos três factores em relação ao estado civil.

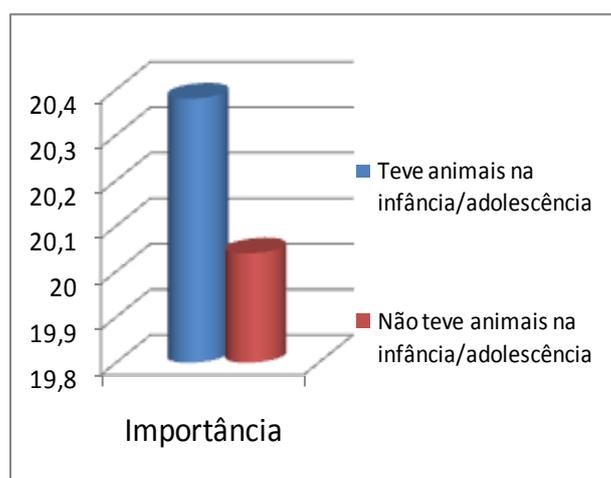
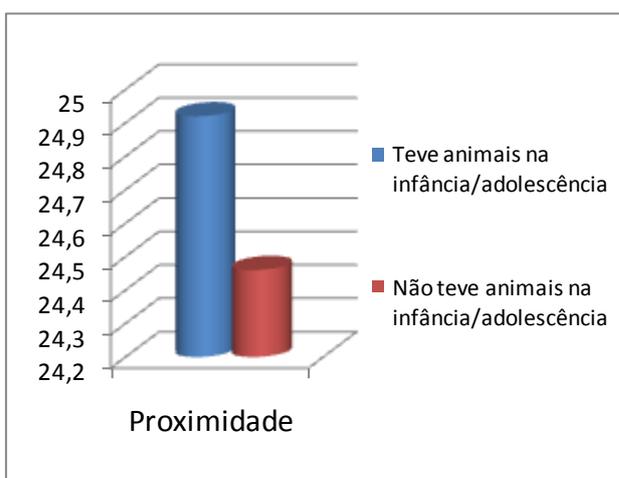
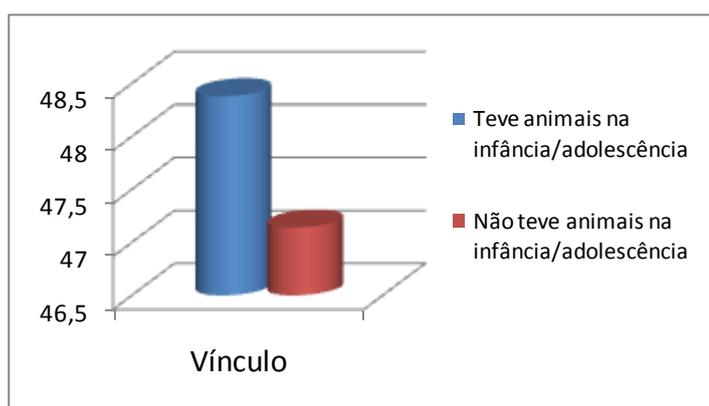
A análise dos três factores para o parâmetro idade é feito através de ONE WAY ANOVA apresentando diferenças significativas entre os grupos no factor proximidade ( $F(1035)=5.37$ ,  $p=0,000$ ) e no factor importância ( $F(1035)=3.39$ ,  $p=0,005$ ). No que diz respeito ao factor proximidade a análise *Post-hoc* com o teste LSD, permite identificar diferenças estatisticamente significativas pontuais principalmente no grupo com as idades dos 65-75 anos ( $M=28.88$ ,  $DP=3.30$ ). Este grupo difere significativamente de todos os outros excepto em comparação com o grupo dos 76-83 anos. No grupo dos 51-64 anos ( $M=25.96$ ,  $DP=5.14$ ) é de salientar que apresenta maior média para o factor proximidade que os grupos dos 18-30 anos ( $M=24.57$ ,  $DP=4.71$ ) e dos 31-50 anos ( $M=24.39$ ,  $DP=6.01$ ).

O grupo dos 31-50 anos é o que tem menor média no factor importância ( $M=19.88$ ,  $DP=4.04$ ), sendo estatisticamente diferente dos grupos: dos 18-30, 51-64 e dos 65-75 anos.



Figuras 17, 18 e 19 - Distribuição dos três factores nas diferentes categorias de idades.

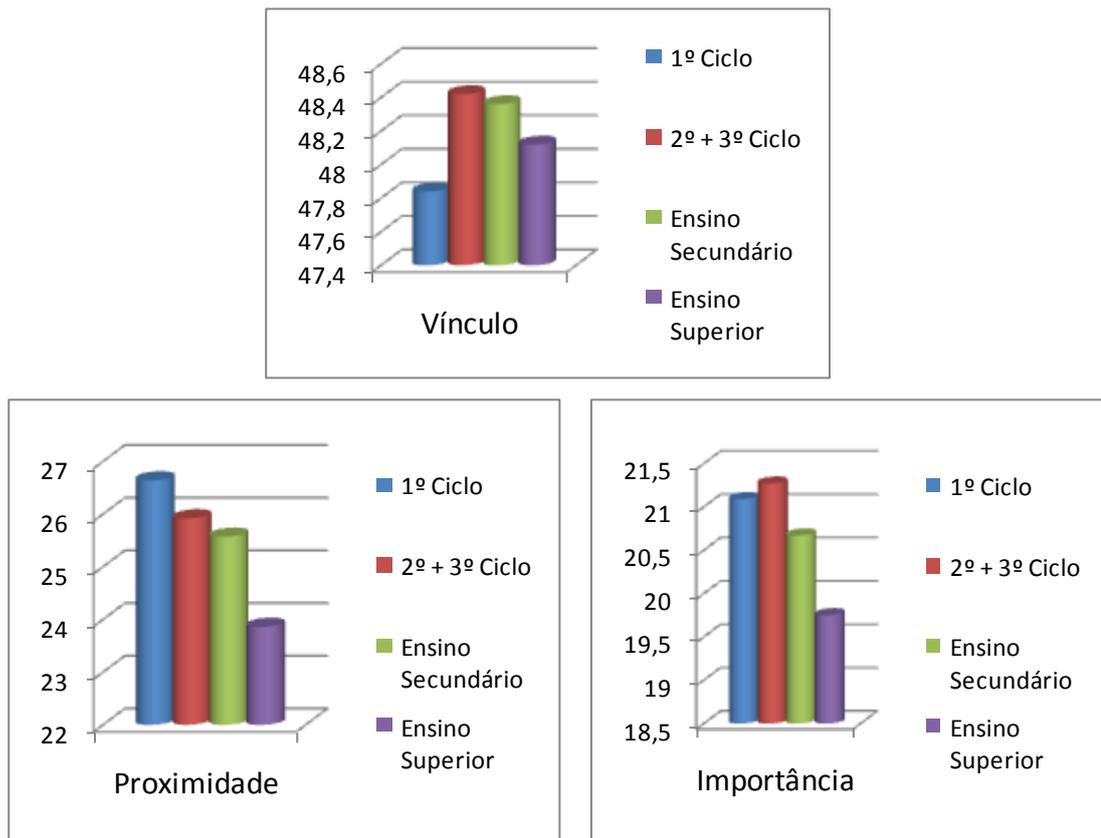
Da população em estudo, 89,3% dos donos tiveram animais durante a infância/adolescência. Procedeu-se à análise dos dados através do teste *t de Student* e os resultados mostram que os donos que tiveram animais nestas fases da vida apresentam um maior vínculo ( $M=48.38$ ,  $DP=3.97$ ,  $t(147,98)=-2.42$ ,  $p=0.001$ ) em relação aos que não tiveram animais ( $M=47.14$ ,  $DP=5.61$ ). A proximidade ( $M=24.92$ ,  $DP=5.38$ ,  $t(1039)=-0.91$ ,  $p=0.33$ ) e a importância ( $M=20.38$ ,  $DP=3.69$ ,  $t(1039)=-0.947$ ,  $p=0.4$ ) apesar de terem médias maiores neste grupo, os resultados não são estatisticamente significativos.



**Figuras 20, 21 e 22 - Distribuição dos três factores para donos que não tiveram animais na infância/adolescência e para os que tiveram animais na infância/adolescência.**

A análise ONE WAY ANOVA para o parâmetro escolaridade indica que os donos com o Ensino Superior são estatisticamente diferentes dos outros grupos nos factores proximidade  $F(1037)=12.26$ ,  $p=0,000$ ) e importância  $F(1037)=9.15$  e  $p=0.000$ ). Através do teste Post-hoc é possível identificar diferenças pontuais permitindo referir que os donos com índice de

escolaridade igual ao Ensino Superior têm menor média para a proximidade (M=23.86, DP=5.15) e importância (M=19.75, DP=3.73) em relação aos outros grupos. Apesar de não ser estatisticamente significativo os donos com maior média para o vínculo (M=48.42, DP=4.10) e maior importância (M=21.27, DP=3.41) pertencem ao grupo com escolaridade do 2º e 3º ciclo. Por fim, o grupo que tem maior média no factor proximidade (M=26.64, DP=5.36) é aquele em que os donos têm escolaridade igual a 1º ciclo.



**Figuras 23, 24 e 25 - Distribuição dos três factores segundo a escolaridade dos donos.**

Não há diferenças significativas globais para o vínculo ( $t(708)=0.51$ ,  $p=0.962$ ), proximidade ( $t(708)=1.93$ ,  $p=0.098$ ) e importância ( $t(708)=1.88$ ,  $p=0.714$ ) comparando os donos de cães com os de gatos como é possível verificar nas figuras 26, 27 e 28. O vínculo nesta população é igual, tanto para os donos de cães (M=47.92, DP=4.57) como os de gatos (M=47.9, DP=4.7). A média para a proximidade (M=24.79, DP=5.13) e importância (M=20.39, DP=3.81) é maior para os donos de cães.

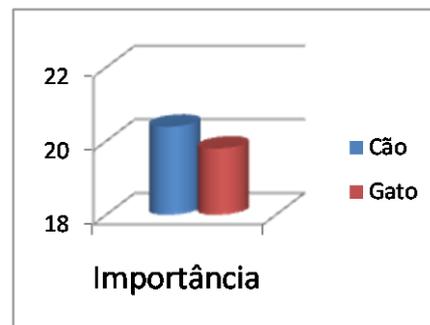
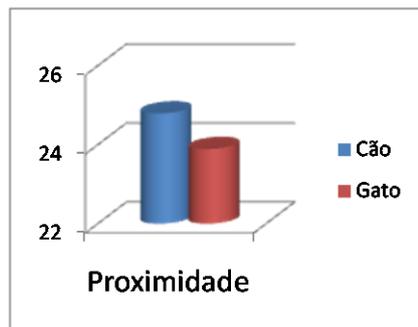
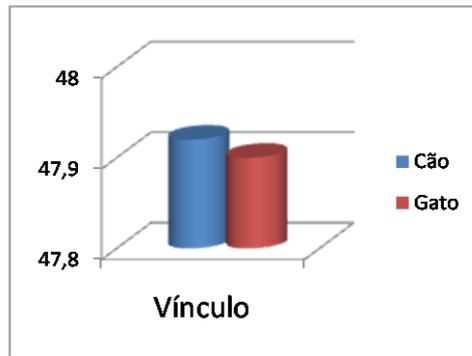
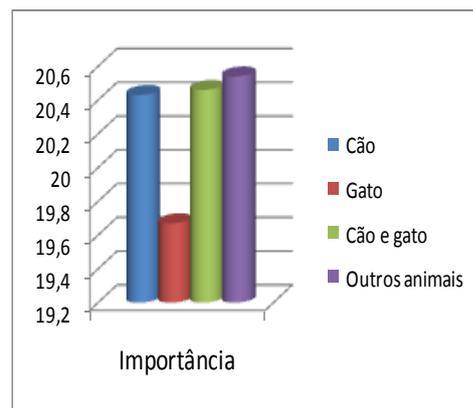
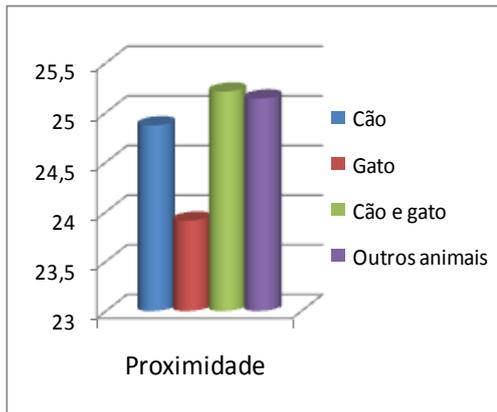
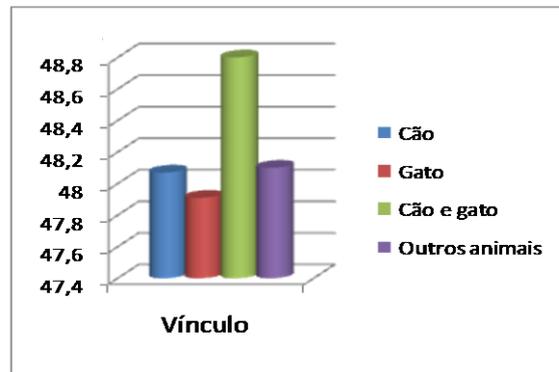


Figura 26, 27 e 28 - Distribuição dos três factores para os donos do cão e donos do gato.

Quando comparamos os seguintes grupos: donos de cães, com os de gatos, com os donos de cães e gatos simultaneamente e ainda os que para além do cão e/ou gato têm outros animais podemos constatar através da análise ONE WAY ANOVA que os factores vínculo  $F(1037)=1.83$ ,  $p=0.14$ , proximidade  $F(1037)=2.38$ ,  $p=0.068$  e importância  $F(1037)=2.25$ ,  $p=0,080$  não apresentam diferenças estatisticamente significativas entre os grupos. No entanto, no teste Post Hoc é possível verificar diferenças pontuais nos donos que têm simultaneamente cão e gato. Este grupo é o que apresenta maior média para o vínculo ( $M=48.8$ ,  $DP=3.09$ ) e proximidade ( $M=25.2$ ,  $DP=4.89$ ); os donos que têm outros animais para além do cão e/ou do gato são os que têm maior média para a importância ( $M=25.14$ ,  $DP=4.97$ ). Por fim, os donos que têm apenas gatos apresentam os menores valores para os 3 factores.



Figuras 29, 30 e 31 - Distribuição dos três factores para donos de cão, gato, cão e gato e de outros animais.

Algumas questões adquirem particular importância neste questionário, entre elas a questão número 15, 20 e 23 estando tanto as respostas dos homens como as das mulheres superiores ao valor 4.

Tabela 7- Caracterização das respostas às questões 15, 20 e 23 por sexo

	Sexo	N	Média	Desvio Padrão
q15	Mulher	796	4,72	,603
	Homem	245	4,44	,806
q20	Mulher	796	4,87	,427
	Homem	245	4,48	,969
q23	Mulher	796	4,83	,464
	Homem	245	4,66	,722

## Discussão/Conclusão

Os animais ganham sem dúvida cada vez mais espaço e importância no dia-a-dia dos donos portugueses. Perante uma sociedade cada vez mais individualista, com problemas socioeconómicos agravados e na qual as famílias são cada vez mais pequenas, o cão e o gato foram ocupando um importante lugar no seio da família. O que se propôs ao começar este trabalho era conhecer a realidade portuguesa no que se refere ao vínculo existente entre os donos e os seus animais de companhia. Através do questionário entregue aos donos foi possível recolher informações demográficas e os resultados obtidos pela escala LAPS.

Neste estudo, tal como referido pelos autores Johnson *et al.* (1992) foram verificadas as boas propriedades psicométricas desta escala para a medição quantitativa do vínculo existente entre os donos e os seus animais. No estudo de Johnson *et al.* (1992) os autores utilizaram a escala LAPS para estudar a população americana e foram encontrados 3 factores na população sendo estes o vínculo geral, a substituição de pessoas e o bem-estar animal. Estes factores vão de encontro aos obtidos para os donos portugueses sendo eles o vínculo geral, a proximidade e importância. O factor proximidade, não foi denominado de substituição de pessoas, mas tal como o autor considera ser o factor que foca o papel central que o animal pode ter na vida do dono, principalmente no combate à solidão. O terceiro factor, neste estudo denominado de importância, está relacionado com o impacto que o animal tem na vida do dono. O autor categorizou-o de bem-estar animal por ter inerente questões relacionadas com a vida que o animal tem no dia-a-dia com o dono. Apesar de diferenças pontuais, foram encontrados neste estudo factores muito semelhantes aos dos donos americanos (Johnson *et al.* 1992). Os dados obtidos da população em estudo, a nível nacional, estão de acordo com os dados publicados por Johnson *et al.* em 1992 e Walsh em 2009 para a realidade americana uma vez que, os donos portugueses também têm uma relação muito próxima com o seu animal, consideram-no um membro da família e um amigo como podemos verificar pelos resultados.

É interessante realçar que a percentagem de mulheres a participar no questionário em Portugal foi de aproximadamente 76% com idade média de 37 anos, enquadrando-se estas frequências no estudo de Johnson *et al.* (1992) feito nos EUA no qual a participação das mulheres foi de 59% e a média de idades de 43 anos. As mulheres são estatisticamente diferentes dos homens para os 3 factores em estudo. As mulheres avaliadas têm maior vínculo que os homens, estes dados são confirmados por vários autores (Johnson *et al.* 1992, Prato-Previde *et al.* 2006, Reid & Anderson 2009, Williams *et al.* 2010). As mulheres têm ainda uma proximidade maior e dão mais importância aos animais de companhia o que realmente poderá ser uma das razões para autores como Bagley & Gonsman, (2005) afirmarem no seu estudo

que as mulheres são mais preocupadas no que está relacionado com o bem-estar animal e Pachana *et al.* (2005) declarar que as mulheres poderiam viver apenas com os seus animais de companhia.

Outro resultado a salientar é o facto de não terem sido observadas diferenças significativas entre os diferentes tipos de estado civil. Este resultado vai de encontro ao obtido por Bagley & Gonsman (2005) mas que se opõe aos resultados de Johnson *et al.* (1992) e Stalannes *et al.* (1992) em que os casados teriam menor vínculo que todos os outros grupos. Apesar de não ser estatisticamente significativo os donos que eram divorciados foram os que revelaram ter maior vínculo e os viúvos os que apresentavam maior proximidade e importância. No artigo de Walsh (2009), está descrito que mulheres viúvas no período logo após a morte do marido sentiam-se melhor sozinhas com os seus cães do que na presença de amigos e família. As viúvas justificavam este facto por terem partilhado o cão com o seu marido e principalmente porque perante os seus cães não seria necessário esconder o que sentiam de verdade.

No que diz respeito à escolaridade, os resultados indicam que os donos com formação no ensino superior são os que possuem menor proximidade e dão menos importância à relação com o seu animal. Johnson *et al.* (1992) e Bagley & Gonsman (2005) encontraram resultados semelhantes referindo que os donos com menor índice de escolaridade seriam os que tinham maior vínculo. Na população deste estudo verifica-se que quem tem maior vínculo tem como índice de escolaridade o 2º e 3º ciclo.

Em relação à idade, verificou-se que os donos entre os 65-75 anos são os que apresentam maior vínculo, proximidade e importância sendo estes dados compatíveis com o estudo de Johnson *et al.* (1992) e de Reid & Anderson, (2009) segundo os quais os reformados seriam o grupo com maior vínculo. Neste estudo a faixa etária com menor proximidade e importância engloba os donos que têm entre 31-55 anos. Este dado é interessante quando confrontado com os resultados verificados por Johnson *et al.* (1992) em que apenas a faixa etária do 35-44 anos não beneficiava do vínculo para combater os sintomas de depressão. No estudo de Parslow e Jorm (2003) donos australianos dos 40-44 anos também não mostravam beneficiar da companhia dos animais devendo-se talvez a esta população ser representada por população activa.

Uma limitação deste estudo está relacionada com o facto de não ter sido averiguado se no agregado familiar existiam crianças para poder relacionar como se comportam essas famílias em relação ao vínculo. Segundo Williams *et al.* (2010), não foram encontradas em crianças diferenças no vínculo em relação ao sexo e à idade. Contudo, essas diferenças destacam-se quando adultos, desta forma seria importante averiguar a partir de que idade começam a ocorrer as diferenças. No entanto, um factor que se averiguou foi que adultos que

tiveram na sua infância/adolescência animais, têm maior vínculo do que aqueles que não cresceram com animais nestas fases da vida. Este resultado é também observado no estudo de Baglley & Gonsman (2005). Sem dúvida que as maiores médias de resposta para os 3 factores são as de donos que tiveram animais na infância comprovando que essa experiência tem influência do modo como na vida futura os adultos vão-se comportar perante os animais como é constatado pelos autores Podberscek, (2006) e Williams *et al.* (2010). No estudo feito por Chur-Hansen *et al.* (2008) a pessoas nas faixas etárias mais avançadas que não tinham no presente animais de estimação, verificou-se que todos tinham tido animais na infância e reconheciam os benefícios físicos e psicológicos dessa relação. Alguns dos benefícios referidos eram: a companhia, o amor e o carinho incondicional do animal, que os animais faziam parte da família, motivar a pessoa a cuidar de si própria e do animal, uma influência calma, um modo de aliviar o stress e de conhecer outras pessoas, promover o exercício e uma forma de se sentirem seguros. Todos os inquiridos lembravam dessa época com nostalgia e saudade o que indica que sem dúvida os animais marcam a vida dos donos.

Um resultado de destaque para os donos portugueses é que não há diferenças significativas em relação aos donos que têm cão com os que têm gato. Baglley & Gonsman (2005) no seu estudo confirmam este resultado referindo que os donos de cães comportam-se do mesmo modo que os de gatos no que diz respeito ao vínculo. Estes resultados vão contra os dados de Johnson *et al.* (1992) uma vez que afirmam que o vínculo é maior em donos de cães. Um aspecto interessante é que pelo Post hoc deste estudo, é possível analisar que donos que possuem em simultâneo o cão e o gato são os que têm resultados mais elevados para o vínculo e para a proximidade. Em relação ao factor importância este é mais elevado para donos que para além do cão e/ou do gato têm outros animais nas suas casas. É de realçar que esses outros animais são répteis, anfíbios, roedores, aves e peixes. Isto comprova que as famílias portuguesas apresentam cada vez mais, uma diversificada variedade de animais para além do cão e do gato, estando representada por 28,8% dos donos. No ano de 1992 Johnson *et al.* representam esta população de donos nos EUA por apenas 5%. Estes dados vêm reforçar a ideia de Walsh (2009) ao afirmar que estes animais são cada vez mais importantes para a população actualmente. Allen (2003) refere que pouco se sabe acerca dos potenciais benefícios das outras espécies para além do cão e do gato. Uma proposta futura, tal como sugerido pelos autores Staltonnes *et al.* (1992), devido à crescente variedade de animais encontrados nas casas portuguesas seria útil verificar as condições para realizar um estudo semelhante para estes animais. Esta escala também apresenta boas características para ser implementada no intuito de medir o vínculo a outros animais de companhia para além do cão e

do gato. Com estes dados foi possível constatar que estas espécies são cada vez mais vistas como animais de companhia.

Com este trabalho foi possível aferir através do modo como os donos participaram, que se está perante uma sociedade com uma maior preocupação e interesse no que diz respeito a falar sobre os seus animais de companhia. Obter questionários de um intervalo de idades dos 10-83 anos permite perceber que as crianças estão cada vez mais alertadas para a importância que os animais têm nas suas vidas, o que realmente é comprovado quando analisados os questionários dos donos de faixas etárias mais velhas. Este estudo poderia ter um maior impacto se tivesse sido feito um igual em Portugal há 20 anos atrás, deste modo seria possível efectuar uma comparação real da evolução dos donos portugueses. No futuro, talvez este trabalho sirva de comparação e se constate uma evolução ainda mais significativa dos donos. Para o presente, este primeiro estudo feito em Portugal sobre os donos portugueses pode dar a todos os profissionais que estão relacionados com os animais, nomeadamente médicos veterinários e para o público em geral informações que se tornam importantes no nosso dia-a-dia.

Outras limitações que devem ser apontadas a este estudo são: o facto de não ter sido referido como foi adquirido o animal (por exemplo adoptado ou comprado), o sexo do animal e a existência ou não de crianças no agregado familiar.

É de realçar a disponibilidade apresentada pelas clínicas veterinárias, centros, hospitais, e *petshop* que cederam a população para o estudo sendo um indicador de que estamos perante um núcleo profissional cada vez mais próximo e que a luta por uma partilha de conhecimento e de experiências é possível e enriquecedora. Ao realizar este estudo sobre os donos portugueses foi possível obter um complemento para a formação em medicina veterinária, percebendo que os meios tecnológicos podem não ser ainda os que estão ao alcance de médicos veterinários nos países mais desenvolvidos, mas o vínculo que une os donos de cães e gatos portugueses é equiparável aos resultados obtidos nesses países.

## Bibliografia

- Allen K, (2003). "Are Pets a Healthy Pleasure? The Influence of Pets on Blood Pressure". **Current Directions in Psychological Science**, 12(6), 236-239.
- Anderson DC, (2007). **Assessing the Human-Animal Bond: A Compendium of actual measures**. W. Lafayette, IN: Purdue University Press.
- Bagley DK & Gonsman VL (2005). "Pet attachment and personality type". **Anthrozoös**, 18(1), 28-42.
- Bonas S, McNicholas J & Collis GM, (2000). "Pets in the network of family relationships: an empirical study". **Companion Animals & Us: Exploring the Relationships between People and Pets** (Cambridge University Press, Cambridge, UK), 209–236. Citado em: Podberscek AL, Paul ES & Serpell, JA.
- Chur-Hansen A, Winefield H & Beckwith M (2008). "Reasons Given by Elderly Men and Women for Not Owning a Pet, and the Implications for Clinical Practice and Research." **Journal of Health Psychology**, 13(8), 988–995.
- Faver CA, Cavazos Jr, Alonzo M (2008). "Love, Safety, and Companionship: The Human-Animal Bond and Latino Families", **Journal of Family Social Work**, 11(3), 254- 271.
- Hansen AC, Winefield H, Black A, (2008). "Health Effects of Ownership of and Attachment to Companion Animals in an Older Population". **International Journal of Behavioral Medicine**, 15(4), 303–310.
- Holcomb R, Williams RC, Richards PS, (1985). "The elements of attachment: Relationship maintenance and intimacy". **Journal of the Delta Society**, 2(1), 28-34.
- Jennings G. L (1995). "Animals and Cardiovascular Health"- *paper* apresentado na **7ª Conferência Internacional Homem-Animal**. Interactions, Animals, Health and Quality of Life, Geneva, Suíça. [www.deltasociety.org/Document.Doc?id=54](http://www.deltasociety.org/Document.Doc?id=54)
- Johnson TP, Garrity TF & Stallones L (1992). "Psychometric evaluation of the Lexington Attachment to Pets Scale (LAPS)". **Anthrozoös** 5(3), 160–175.
- Kidd AH & Kidd RM (1989). "Factors in adults' attitudes toward pets", **Psychological Reports**, 65(3), 903-910.

- Lago D, Kafer R, Denaley M, Connell C (1988). Assessment of favorable attitudes toward pets: development and preliminary validation of self-report pet relationship scales. **Anthrozoös**, 1(4), 240-254.
- McNicholas, J, Collins GM, (2002). "Children's representations of pets in their social network". **Child: Care, Health and Development**, 27(3), 279–294
- Nagasawa M, Kikusui T, Onaka T, Ohta M, (2009). "Dog's gaze at its owner increases owner's urinary oxytocin during social interaction". **Hormones and Behavior**, 55(3), 434-441.
- Olmert, MD (2009). "**Made for each other: The Biology of the Human- Animal Bond**". Cidade Merloyd Lawrence Books.
- Pachana NA, Ford JH, Andrew B & Dobson AJ (2005). "Relations between companion animals and self-reported health in older women: Cause, effect or artifact?" **International Journal of Behavioral Medicine**, 12(2), 103-110.
- Parslow, Ruth A, Jorm, Anthony F (2003). "The impact of pet ownership on health and health service use: Results from a community sample of Australians aged 40 to 44 years". **Anthrozoös: A Multidisciplinary Journal of The Interactions of People & Animals**, 16(1), 43-56.
- Prato-Previde E, Fallani G & Valsecchi P (2006). "Gender Differences in Owners Interacting with Pet Dogs: An Observational Study". **Ethology**, 112(1), 64-73.
- Podberscek AL, (2006). "Positive and negative aspects of our relationship with companion animals". **Veterinary Research Communications**, 30(1), 21-27.
- Poresky RH, (1989). "Analyzing Human-Animal Relationship Measures". **Anthrozoös**, 2(4), 236-244.
- Reid JS & Anderson CE, (2009). "Identification of demographic groups with attachment to their pets". **ASBBS Annual Conference: Las Vegas** 16(1). [www.asbbs.org/files/2009/PDF/R/Reid.J.pdf](http://www.asbbs.org/files/2009/PDF/R/Reid.J.pdf)
- Shore ER, Douglas DK, & Riley ML (2005). "What's in it for the Companion Animal? Pet attachment and college students' behaviours toward pets". **Journal of Applied Animal Welfare Science**, 8(1), 1–11.

- Siegel, JM (1990). "Stressful life events and use of physician services among the elderly: The moderating role of pet ownership". **Journal of Personality & Social Psychology**, 58(6), 1081-1086.
- Stallones L, Johnson TP, Garrity FT, Marx MB, (1992). "Quality of attachment to companion animals among U.S. adults 21 to 64 years of age". **Anthrozoös**, 3(3) 171-176.
- Templer DI, Saltar CA *et al.* (1981). "The construction of a pet attitude scale". **The Psychological Record**, 31(1), 343-348.
- Virtués-Ortega J & Casal-Buela G, (2006). "Psychophysiological Effects of Human-Animal Interaction Theoretical Issues and Long-Term Interaction Effects". **The Journal of Nervous and Mental Disease**, 194(1), 52–57.
- Walsh F, (2009). "Human-animal bonds I: The relational significance of companion animals". **Family process**, 48(4), 462–480.
- Walsh F, (2009). "Human-animal bonds II: The role of pets in Family Systems and Family Therapy". **Family process**, 48(4), 481–499.
- Williams JM, Muldoon J, Lawrence A, (2010). "Children and their pets: Exploring the relationships between pet ownership, pet attitudes, attachment to pets and empathy". **Education and Health** 28(1) 12-15.
- Wilson CC (1987). "The pet attitude inventory". **Anthrozoös**, 1(2), 76-84.
- Winefield H, Beckwith M & Chur-Hansen A, (2008). "Health Effects of Ownership of and Attachment to Companion". **International Journal of Behavioral Medicine**, 15(1), 303-310.

## ANEXOS

### Para donos de cães e gatos



Este questionário é totalmente anónimo e é destinado a donos de animais de companhia. É um trabalho desenvolvido no âmbito de uma tese de Mestrado de Medicina Veterinária pela aluna Isabel Miranda e tem como objectivo principal medir o vínculo existente entre os animais de companhia e os seus donos.

Por favor responda às seguintes questões:

Data de nascimento:    /    /                      Idade:

Sexo: Feminino  Masculino

Estado civil: Solteiro

Casado

Divorciado

Viúvo

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Qual é o seu animal de estimação: \_\_\_\_\_

Se tem mais animais: Sim  Quais? \_\_\_\_\_

Não

Teve algum animal de estimação na sua infância/adolescência?

Sim  Qual? \_\_\_\_\_

Durante quanto tempo? \_\_\_\_\_

Não

Por favor diga se concorda ou discorda com estas afirmações acerca do seu animal de estimação colocando um "círculo" na opção desejada. Para cada uma das frases escolha se discorda plenamente, discordo em parte, não sei ou recuso responder, concordo em parte, concordo plenamente.

<b>1 - Discordo plenamente</b>	<b>2 - Discordo em parte</b>	<b>3 - Não sei ou recuso responder</b>	<b>4 - Concordo em parte</b>	<b>5 - Concordo plenamente</b>
--------------------------------	------------------------------	--	------------------------------	--------------------------------

Frases	Grau				
	1	2	3	4	5
1. O meu animal de estimação significa mais para mim do que qualquer um dos meus amigos.					
2. Muitas vezes eu confidencio com o meu animal de estimação.					
3. Eu acredito que os animais de estimação deveriam ter os mesmos direitos e privilégios que os membros da família.					
4. Eu acredito que o meu animal de estimação é o meu melhor amigo.					
5. Muitas vezes, os meus sentimentos acerca das pessoas são influenciados pela forma como reagem ao meu animal de estimação.					
6. Eu adoro o meu animal de estimação porque ele/ela é mais leal do que a maioria das pessoas que eu conheço.					
7. Eu gosto de mostrar a outras pessoas fotografias do meu animal de estimação.					
8. Eu penso que o meu animal de estimação é apenas um animal de estimação.					
9. Eu adoro o meu animal de estimação porque ele nunca me julga.					
10. O meu animal sabe quando me sinto mal.					
11. Eu falo muitas vezes com outras pessoas acerca do meu animal de estimação.					
12. O meu animal de estimação compreende-me.					

Por favor diga se concorda ou discorda com estas afirmações acerca do seu animal de estimação colocando um "círculo" na opção desejada. Para cada uma das frases escolha se discorda plenamente, discordo em parte, não sei ou recuso responder, concordo em parte, concordo plenamente.

<b>1 - Discordo plenamente</b>	<b>2 - Discordo em parte</b>	<b>3 - Não sei ou recuso responder</b>	<b>4 - Concordo em parte</b>	<b>5 - Concordo plenamente</b>
--------------------------------	------------------------------	--	------------------------------	--------------------------------

Frases	Grau				
	1	2	3	4	5
13. Eu acredito que gostar dos meus animais de estimação ajuda a manter-me saudável.	1	2	3	4	5
14. Os animais de estimação merecem tanto respeito como os humanos.	1	2	3	4	5
15. Eu e o meu animal de estimação temos uma relação muito próxima.	1	2	3	4	5
16. Eu faria quase tudo para cuidar do meu animal de estimação.	1	2	3	4	5
17. Eu brinco muitas vezes com o meu animal de estimação.	1	2	3	4	5
18. Eu considero que o meu animal de estimação é uma grande companhia.	1	2	3	4	5
19. O meu animal de estimação faz-me sentir feliz.	1	2	3	4	5
20. Eu sinto que o meu animal de estimação faz parte da minha família.	1	2	3	4	5
21. Eu não sou muito próximo/a do meu animal de estimação.	1	2	3	4	5
22. Ser dono do meu animal de estimação faz parte da minha felicidade.	1	2	3	4	5
23. Eu considero que o meu animal de estimação é um amigo.	1	2	3	4	5

Obrigada pela sua colaboração !!!

Qualquer informação adicional ou dúvida contactar:

[isabelobao86@hotmail.com](mailto:isabelobao86@hotmail.com) ou telf:916743747

